

CARACTERIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL DA LAGOSTA E PERFIL SOCIOECONÔMICO DO PESCADOR NO LITORAL DO PIAUÍDanyela Carla Elias SOARES^{1*} & Ricardo Rios MARQUES²¹Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.²Universidade Federal do Piauí (UFPI), Departamento de Ciências do Mar, Parnaíba, Piauí, Brasil.

*email: dany.ces@hotmail.com

Recebido em 21/07/2017

Resumo - O quadro geral da caracterização da pesca de lagosta, no litoral do Piauí, obtido pelos questionários aplicados aos pescadores artesanais traça um perfil, no qual a maioria dos pescadores de lagosta são piauienses do sexo masculino, a maioria alfabetizados ou semi-alfabetizados, com idade entre 18 e 67 anos. Possuem pouca capacitação profissional na área, e utilizam, como principal arte de pesca, a armadilha (manzoá ou covó). Dos que utilizam a pesca de mergulho com compressor, pescam em uma profundidade de até 20 metros com a mangueira direta na cavidade bucal e passam de 2 a 4 horas no mar. A maioria revelou que, apesar de saber do perigo dessa prática, eles a utilizam pelo sucesso e facilidade de captura do animal. Em termos gerais, este estudo é uma contribuição para o entendimento que contempla a atividade pesqueira da região. Como estudo pioneiro, foram encontrados resultados interessantes e bem relevantes, mas esses devem ser investigados mais profundamente do ponto de vista científico.

Palavras-Chave: Pesca artesanal, Lagosta, Meio ambiente, Socioeconomia

CHARACTERIZATION OF CRAFT FISHERY AND SOCIOECONOMIC PROFILE OF FISHERMAN IN THE COAST OF PIAUÍ

Abstract - The general picture of the characterization of the lobster fishery on the coast of Piauí obtained by the questionnaires applied in artisanal fisherfolk traces a profile where the majority of the lobster fishermen are Piauíans are male, most of them literate or semi-emphasized, aged between 18 and 67 years . They have little professional training in the area, and use as their main fishing gear the trap (manzoá or covó). Of those who use scuba-diving with a compressor, they fish at a depth of up to 20 meters with the hose directly in the buccal cavity and spend 2 to 4 hours at sea. Most revealed that despite knowing the danger of this practice use it for the success and ease of capture of the animal. In general terms, this study is a contribution to the understanding that contemplates the fishing activity of the region. As a pioneering study, interesting and relevant results have been found, but these should be investigated more deeply from the scientific point of view.

Keywords: Artisanal fisheries, Crayfish, Environment, Socioeconomics

INTRODUÇÃO

A atividade pesqueira está entre as principais fontes de fornecimento de proteína animal para o consumo humano (DIAS-NETO & DORNELLES, 1996). De acordo com o seu objetivo, a atividade pesqueira pode ser dividida como pesca de subsistência, artesanal ou industrial. Por definição, pesca artesanal é aquela que, com meios de produção próprios, o pescador exerce a sua atividade de forma autônoma, individualmente, ou em regime de economia familiar ou, ainda, com auxílio eventual de outros parceiros, sem vínculo empregatício (BRASIL, 2004). Os pescadores artesanais representam quase 95% dos pescadores do mundo (DIEGUES, 2006). No Brasil, esta forma é responsável por quase 65% da produção pesqueira, o que representa mais de 500 mil toneladas por ano (BRASIL, 2009). Na região Nordeste, a pesca artesanal é a principal responsável pelas capturas registradas, contribuindo com cerca de 90% da produção total (BRASIL, 2009 n). A predominância da pesca artesanal nesta região é determinada, por um lado, pelas condições ambientais próprias de regiões tropicais do oceano, caracterizadas, principalmente, por baixa produtividade primária com pequena produção de biomassa e grande diversidade de espécies, e por outro, pelo atraso econômico, cujo reflexo pode ser observado nas próprias condições sociais de quem vive nessa atividade (FONTELES-FILHO; CASTRO, 1982).

No Estado do Piauí, a pesca artesanal assume grande dimensão, sendo desenvolvida em praticamente todos os municípios do Estado, seja na pesca costeira ou continental, e hoje se constitui como uma atividade de fundamental importância para o Estado, tanto para o fornecimento de alimento quanto na geração de renda. Nesse cenário, litoral do Piauí vem despontando, ao longo dos anos, como grande produtor de lagosta, através da pesca artesanal com o uso de compressores e armadilhas. No entanto, por ser uma atividade muito dispersa e de difícil monitoramento, os dados estatísticos referentes a esta modalidade pesqueira sofrem muitas limitações (KLIPPEL et al., 2005). São capturadas, aproximadamente, cerca de 100 toneladas de lagosta/ano no litoral piauiense, em que cerca de 80% das embarcações utilizadas atuam sem licença para a pesca do crustáceo. A pesca predatória tem reduzido a produção da lagosta no Piauí e em todo o Brasil, passando de 11 mil para 6 mil toneladas por ano.

Com isso, esse recurso vem sofrendo com a sobrepesca resultante da introdução de apetrechos de pesca mais sofisticados na captura, os quais, com o passar dos anos, foram sendo modificados e/ou reintroduzidos, de acordo com a evolução e a importância da pesca, assim como adequação às novas leis (OLIVEIRA, 2009). Além disso, as altas margens de lucro impulsionam uma exploração, que captura além da população adulta, indivíduos jovens e fêmeas ovígeras,

comprometendo o estoque reprodutor e o desenvolvimento dos estoques lagosteiros (LINS et al., 1993). Desta forma, acredita-se que a escassez dos estoques pesqueiros de lagosta seja uma resposta natural do meio ambiente diante do emprego dessas novas técnicas e práticas adotadas pelos pescadores artesanais. Além disso, essa atividade envolve uma problemática socioambiental fortemente ligada ao sustento de várias famílias da região. E a pressão exercida pelo mercado consumidor, relacionada com o crescente turismo regional, contribui para a necessidade de ações, que favoreçam a manutenção deste recurso natural na região.

A carência de estudos, no âmbito da pesca artesanal da lagosta, no litoral do Piauí, dificulta e, muitas vezes, impede a solução desses problemas na região. Pesquisas que visam aprofundar e documentar o conhecimento sobre as pescarias artesanais são de grande importância na tentativa de fornecer subsídios para a estruturação e promoção de instrumentos voltados para a melhoria desta atividade pesqueira na região. Desta forma, este estudo visa subsidiar informações sobre os pescadores artesanais, que permitam aos órgãos governamentais traçar futuras políticas de incentivo, baseadas no conceito de desenvolvimento sustentável. Assim, o objetivo desse trabalho foi caracterizar a pesca da lagosta no Estado do Piauí, bem como as artes ou métodos de pesca utilizados e as condições socioeconômicas dos pescadores no litoral do Piauí.

MATERIAL E MÉTODOS

O Litoral do Estado do Piauí, com uma extensão de 66 km, representa o menor litoral brasileiro (Figura 1), no qual são encontrados quatro municípios costeiros: Ilha Grande, Parnaíba, Luís Correia e Cajueiro da Praia, englobando 11 comunidades pesqueiras (Figura 2). Dentre esses municípios se destaca, em termos de volume de captura de lagosta: Porto de Luís Correia, no município de Luís Correia e o Porto dos Tatus, no município de Ilha Grande. Neste trabalho, os questionários foram aplicados na região de Luís Correia, na qual se concentra a maior captura de lagostas no Estado.



Figura 1. Litoral do estado do Piauí

MUNICÍPIOS	COMUNIDADES PESQUEIRAS
ILHA GRANDE	TATUS
PARNAÍBA	PEDRA DO SAL CATANDUVA PARNAÍBA
LUIS CORREIA	LUIS CORREIA COQUEIRO ARROMBADO MACAPÁ
CAJUEIRO DA PRAIA	BARRA GRANDE BARRINHA CAJUEIRO

Figura 2. Municípios do litoral do Piauí e seus respectivos portos pesqueiros

A pesquisa se baseou na obtenção de dados através de questionários semiestruturados e entrevistas informais, em que se procurou caracterizar o perfil socioeconômico dos pescadores, bem como suas condições de trabalho, levantando informações acerca das suas relações com o ambiente. Foram entrevistados 30 pescadores, que atuam na atividade da pesca da lagosta no litoral do Piauí. Vale salientar que, durante os meses em que o estudo foi realizado, a presença recorrente desses representou o universo total de pescadores artesanais, os quais realizam a atividade nos locais de estudo. As entrevistas foram realizadas de janeiro a junho de 2016, em áreas de atracagem de embarcações e em comunidades pesqueiras da região no município de Luís Correia, no Estado do Piauí.

Nas entrevistas, foram abordados assuntos de caráter socioeconômico, tais como: sexo, faixa etária dos entrevistados, período em que a atividade é realizada, e outras atividades desenvolvidas pelos pescadores como forma de complementação de renda. Além de perguntas que pudessem caracterizar a pesca, propriamente dita, como os aparelhos de pesca utilizados. Os dados obtidos foram avaliados, por meio da análise descritiva do total dos entrevistados, utilizando-se o programa Microsoft Office Excel 2007.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PERFIL DOS PESCADORES

Dos 30 entrevistados, 100% pertenciam ao sexo masculino, todos tradicionalmente filhos de pescadores. Destes, a maioria (60%) de piauienses seguidos por cearenses (30%), provenientes, principalmente, de localidades próximas, como Barroquinha, Granja e Chaval, no Ceará; Parnaíba, Cajueiro da Praia, Luiz Correia, no Piauí. A pesca era a principal fonte de renda desses pescadores,

porém desenvolviam também a agricultura de subsistência, particularmente, nos períodos em que a pesca é escassa, plantando, costumeiramente, o feijão, o milho e a mandioca. Além disso, cerca de 80% completavam a renda familiar com programas sociais. O mesmo fato se confirma no estudo de Vasconcelos et al., (2003), que de acordo com os resultados observou que entre os entrevistados, 81,4% exercem somente a profissão de pescador.

Com relação à faixa etária, verificou-se que a maioria dos pescadores possui idades na faixa entre 31 a 40 anos e de 41 a 50 anos (Figura 3), resultados semelhantes foram obtidos por Vasconcelos et al (2003), em estudos desenvolvidos no litoral potiguar. Isso demonstra que a pesca artesanal, em especial, a da lagosta, é exercida, em grande parte, por profissionais em idade mais avançada com mais de 20 anos de profissão, pois os pescadores não estimulam ou permitem que os filhos ingressem nessa atividade em decorrência das dificuldades existentes (SILVA, 2004). Contudo, pode-se verificar que a atividade, ainda, é transmitida aos mais jovens (3%).

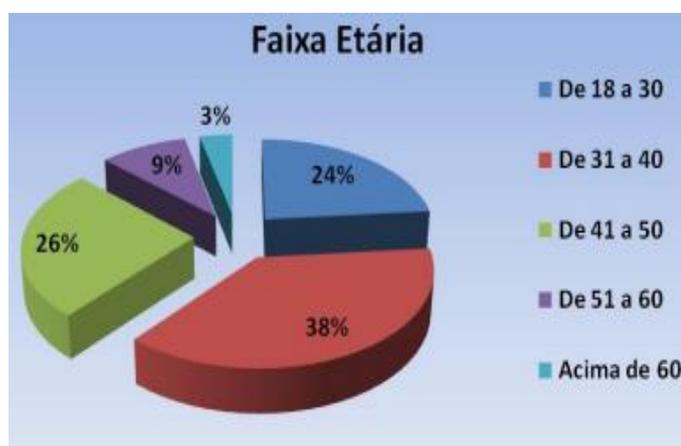


Figura 3. Faixa etária dos pescadores entrevistados no litoral do Piauí

Em grande parte, os pescadores são alfabetizados (70%), e mais de 30% analfabetos, representados em todas as faixas etárias. 22% dos entrevistados possuem o Ensino Médio incompleto e apenas 3% possuem o Ensino Médio completo, o que, indiretamente, reflete o baixo nível de incentivo à educação. A estrutura familiar do pescador é constituída, em geral, por quatro pessoas: o chefe de família (pescador), a esposa, quase sempre dona de casa, e dois filhos, correspondendo, essa estrutura, a 42,5% dos entrevistados.

CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Predomina na região a utilização de canoas de três a sete metros, movidas a remos ou velas, cujo tamanho está relacionado com o local onde se realizará a pescaria. A maioria dos pescadores é dono de sua própria canoa (80%) e os que não as possuem paga o uso da mesma, geralmente, com uma parte da produção. Normalmente, trabalha-se com um conjunto de até cinco pescadores (95%)

por embarcação.

A prática da pesca se baseia no conhecimento da ecologia do ambiente que, empiricamente, os pescadores têm acumulado ao longo dos anos e as artes de pesca mais utilizadas são a armadilha (manzoá/covo) (52,5%) e a rede espera/caçoeira (27,5%). Os 20% restantes incluem do mergulho com compressor. Resultados semelhantes sobre a pesca com compressor foram encontrados em um estudo feito por Alves e Sarmiento (2011) no município de Santa Cruz da Cabrália, Bahia.

Com relação à capacitação profissional na pesca, 25% dos entrevistados têm algum tipo de curso, sendo o de GPS o principal, mas apenas 15% dos pescadores possuem o equipamento na embarcação. Foi confirmado também que 85% não possuem carteira para direção de barcos, comprovando que a maioria das viagens para captura de lagosta é feita por pescadores irregulares.

Na pesca de mergulho com compressor, as embarcações são equipadas com compressor de ar. Esta é uma atividade ilegal e de alto risco para os mergulhadores. 90% dos pescadores entrevistados têm noção do perigo desse tipo de pesca, mas mesmo assim utilizam pela facilidade na captura, quando comparada aos demais. O mergulho é realizado, na maioria, em profundidades de até 20 metros (60%), podendo chegar a mais de 30 metros por 20% dos pescadores. 100% dos pescadores que utilizam o compressor usam uma mangueira levada a boca para realizar a respiração por ar comprimido. O que causa sérios riscos à saúde. Cerca de 95% dos pescadores que utilizam esse tipo de pesca já sofreram algum tipo de problema como descompressão, barotrauma ou embolia. De acordo com a SEAP (2007), o problema é que o mergulho sem equipamento apropriado é realizado sem controle correto de tempo e de profundidade. Além disso, o pescador se preocupa mais em pegar o maior número de lagostas no fundo do mar, e acaba subindo por causa do cansaço, ou da exaustão ou por não suportar as fortes dores de cabeça.

As armadilhas de pesca são utilizadas por 52,5% dos pescadores. Apetrecho de pesca legalizado e permitido pelo IBAMA. Estas armadilhas são depositadas no fundo do mar, sendo semelhante a uma gaiola de formato retangular e contendo duas aberturas de formato cônico pelas quais as lagostas entram atraídas por uma isca. É confeccionada com armação de madeira leve retirada pelos próprios pescadores das matas próximas à localidade onde vivem, de acordo com Almeida (2010).

Algumas das informações contidas nos questionários estão detalhadas a seguir na tabela 1.

Tabela 1. Principais informações fornecidas pelos questionários

INFORMAÇÕES	RESPOSTAS
Naturalidade	60% - Piauienses 30% - Cearenses 10% - outros Estados
Sexo	100% - Masculino
Escolaridade	45% - Ensino Fundamental 22% - Ensino Médio incompleto 3% - Ensino Médio completo 30% - Analfabetos
Idade	24% - De 18 a 30 38% - De 31 a 40 26% - De 41 a 50 9% - De 51 a 60 3% - Acima de 60
Filhos	42,5% - 2 a 3 filhos 18,4% - 3 a 4 filhos 12,3% - 0 a 1 filho 26,8% - mais de 4 filhos
Como completa a renda familiar	80% - Programas sociais 5% - Esposa trabalha 15% - Outras atividades
Capacitação profissional na área de pesca	25% - Sim (GPS) 75% - Não
Aparelho para navegação	15% - Possui GPS 85% - Não utiliza nenhum
Habilitação para barcos	15% - Possui 85% - Não
Tempo que atua na pesca	45% - 20 a 30 anos 18% - 1 a 5 anos 30% - 5 a 10 anos 52% - mais de 20 anos
Tipo de pesca realiza	52,5% - Armadilha (manzoá/covo) 27,5% - Rede de espera/caçoieira 20% - Mergulho/ Compressor
Teve problemas com a utilização do compressor na pesca da lagosta	95% - sim (descompressão/(barotrauma)/embolia) 5% - Não
Profundidade que você mais pesca	60% - 1 a 20 metros 20% - 20 a 30 metros 20% - mais de 30 metros
Tipo de compressor utilizado	30% - Pistão 70% - Não souberam informar
Como utiliza o compressor	100% - Mangueira na boca
Tempo na água para a captura da lagosta	50% - 2 a 4 horas 40% - 1 a 2 horas 10% - Mais de 4 horas
Por que utiliza o compressor como método	

de captura	100% - Fácil captura
Noção que a captura da lagosta com compressor pode causar danos a sua saúde ou morte	90% - sim 10% - não
Quantos tripulantes vão ao mar	95% - 1 a 5 tripulantes 5% - Mais de cinco tripulantes

A vida dos pescadores é uma batalha diária na conquista da sua captura. Para eles, não existe dia ou noite, os dias são regidos pelas marés, o que dificulta sua instrução, uma vez que eles não têm tempo para a escola. Este fato vem se repetindo em seus filhos, que com frequência, os acompanham na luta diária. Crianças trabalhando na pesca é fato comum também em outras comunidades tradicionais de pescadores artesanais do Brasil (MARQUES 1995; BEM, 2001; CABRAL et al, 2005).

Quando questionados sobre o interesse, em participar do cultivo de lagostas, todos os entrevistados são favoráveis, alegando a necessidade de aumentar a renda familiar, pois com o cultivo, aumentaria o lucro sem a dependência das condições climáticas. Cerca de 30% relatam que seria mais fácil cultivar do que pescar e 8% acreditam que, desta forma, o ambiente seria mais bem preservado.

CONCLUSÕES

O quadro geral da caracterização da pesca de lagosta no litoral do Piauí obtido pelos questionários aplicados nos pescadores artesanais traça um perfil, no qual a maioria dos pescadores de lagosta são piauienses do sexo masculino, a maioria alfabetizados ou semi-alfabetizados, com idade entre 18 e 67 anos. Possuem pouca capacitação profissional na área, e utilizam, como principal arte de pesca, a armadilha (manzoá ou covó). Dos que utilizam a pesca de mergulho com compressor, pescam em uma profundidade de até 20 metros com a mangueira direta na cavidade bucal e passam de 2 a 4 horas no mar. A maioria revelou que, apesar de saber do perigo dessa prática, a utiliza pelo sucesso e facilidade de captura do animal.

A prática de medidas de manejo, que possam melhorar a situação da pesca e dos pescadores de lagosta é uma questão de urgência para a sobrevivência dessa comunidade, já que as medidas regulamentares de proteção, tais como: limitação da frota, tamanho mínimo de captura, autorização somente do emprego de armadilhas (covos, manzuás) e estabelecimento de tamanho mínimo para as malhas destas armadilhas, proibição de utilização de aparelhos de ar comprimido (compressores) e, finalmente, a mais efetiva das medidas: o defeso ou paradeiro, como é conhecido pelas populações locais à época de proibição da captura de lagosta, não são cumpridas.

Foi avaliado também que os conhecimentos sobre o trabalho dos pescadores são escassos e superficiais. Na bibliografia pesquisada sobre a pesca da lagosta, é inexistente um trabalho sobre o Piauí. Em termos gerais, este estudo é uma contribuição para o entendimento que contempla a atividade pesqueira da região. Como estudo pioneiro, foram encontrados resultados interessantes e bem relevantes, mas esses devem ser investigados mais profundamente, do ponto de vista científico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. G. 2010. Caracterização das áreas de pesca artesanal de lagosta na praia da Redonda, Icapuí – CE. Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Marinhas Tropicais, da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará.

ALVES J. A.; SARMENTO L.B. 2011. Pesca artesanal marítima na comunidade de coroa vermelha, município de Santa Cruz Cabralia, Bahia. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.7, N.13; Pág. 1267.

BEM, B. N.C. 2001. Viver da água e do mangue: uma abordagem ecológica e social das comunidades pesqueiras nos estuários do Catuama e Itapessoca – PE. João Pessoa, 2001. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal da Paraíba. 118 p.

BRASIL, 2004 INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 03, de 12 de maio de 2004. Dispõe sobre operacionalização do Registro Geral da Pesca. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 de maio de 2004.

BRASIL. Ministério da Pesca. Conferência Nacional da Pesca Artesanal, 1., 2009, Brasília. Relatório Final... Brasília, DF: Ministério da Pesca, 2009. 1 CD-ROM.

CABRAL, A., SASSI, R.; COSTA, C.F. 2005. Os estuários do nordeste do Brasil e o desenvolvimento sustentável: usos múltiplos e impactos. O estuário do rio timbó como um estudo de caso. Trop. Oceanogr. Recife, v. 33, n. 2, p. 193-204.

DIAS-NETO, J. & DORNELLES, L.D. 1996. Diagnóstico da pesca marítima do Brasil. Brasília (DF): Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA.

DIEGUES, A. C. Artisanal fisheries in Brazil. Acesso em 12 jan. 2016, disponível em:< http://aquaticcommons.org/252/1/Artisanal_fisheries_in_Brazil.pdf>

FONTELES-FILHO, A.A., CASTRO, M.G.G.M. 1982. Plano de assistência técnica à pesca artesanal marítima do estado do Ceará (Brasil). Bol. Ciên. Mar. Fortaleza, n.37, p. 1-26.

KLIPPEL, S., MARTINS, A. S., SILVA, G. O.; COSTA, P. A. S., PERES, M. B. 2005. Estimativas de desembarque da pesca de linha na costa central do Brasil (estados do Espírito Santo e Bahia) para um ano padrão (1997-2000). In: Pesca e potenciais de exploração de recursos vivos na região central da zona econômica exclusiva brasileira. Rio de Janeiro: Museu Nacional, v. 13, p. 71-82.

LINS OLIVEIRA, J. E.; VASCONCELOS, J. A.; REY, H.2009. A problemática da pesca de lagostas do Nordeste do Brasil. Bol. Técn. Cient. CEPENE - Tamandaré/PE, v. 1, n. 1.

MARQUES, G.1995. Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no Baixo São Francisco. São Paulo: NUPAUB-USP, 285p.

OLIVEIRA, P. A.; VENDEL, A.L.; CRISPIM, M.C.B.;2009. Caracterização socioeconômica e registro da percepção dos pescadores de lagosta das praias do Seixas e Penha, João Pessoa-PB. B. Inst. Pesca, São Paulo, 35(4): 637 - 646.

SEAP. Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca. Saúde e Segurança do Pescador. 2007.

SILVA, S. M. M. C. 2004.Caracterização da pesca artesanal na costa do estado do Ceará - Brasil. 2004, 262 f. Tese (Doutorado em Ciências, Área de Concentração: Ecologia e Recursos Naturais), Universidade Federal de São Carlos. São Paulo-SP.

VASCONCELOS, E. M. S. et al.2003. Perfil socioeconômico dos produtores da pesca artesanal marítima do Estado do Rio Grande do Norte. Bol. Técn. Cient. CEPENE, v. 11, n. 1, p. 277 - 292.